

# O NOME DE JESUS E A CALÚNIA DA ONOLATRIA: BREVE ANÁLISE DA EVIDÊNCIA EPIGRÁFICA, LITERÁRIA E ARQUEOLÓGICA

*por Milton L. Torres<sup>1</sup>*

## **Resumo**

Este artigo traça a história etimológica do nome de Jesus e procura demonstrar, através das evidências literárias e arqueológicas, que não existe conexão alguma entre a etimologia do nome e a calúnia dirigida, na Antiguidade, contra os cristãos de que seriam eles adeptos da onolatria – a adoração de um asno.

## **Abstract**

This article traces the etymological history of the name of Jesus and seeks to establish, through an analysis of the literary and archaeological evidence, that there have never been any connections between the etymology of the name and the ancient calumny that the Christians worshipped an assgod.

## **Introdução**

Nos evangelhos, Jesus é chamado apenas de Cristo em quase trezentas passagens, pelo nome de Jesus Cristo ou Cristo Jesus em menos de cem passagens, e pelo nome de Senhor Jesus Cristo menos de cinquenta vezes. Antes de Sua ressurreição Ele é geralmente chamado de Jesus Cristo, mas após a mesma recebe, preferencialmente, a designação de Cristo Jesus. Nosso Senhor não é o único personagem bíblico a receber o nome de Ἰησοῦς [*Iesous*]. Na genealogia do Evangelho de Lucas, aparece Jesus (Ἰησοῦς, traduzido como **Josué**, em português), filho de Eliezer (3:29). Jesus, chamado Justo, era também o nome de um dos companheiros de Paulo, sendo mencionado em Colossenses 4:11. Josué é chamado de Ἰησοῦς, em Atos 7:45 e Hebreus 4:8. Além disso, Barrabás é chamado de Jesus em Mateus 27:16, enquanto que o feiticeiro de Chipre é identificado como “filho de Jesus” em Atos 13:6 (βαρμησοῦς = בר ישיע, Barjesus).

---

<sup>1</sup> Milton L. Torres é doutorando em Arqueologia pela Universidade do Texas e professor no SALT/IAENE.

## A História do Nome Jesus

Ἰησοῦς, [*Iesous*] é o nome que a Septuaginta usa para alguns personagens do Antigo Testamento. Vale lembrar que a Septuaginta era a versão bíblica usada por todos os judeus da Diáspora e por muitos judeus que viviam em Jerusalém na época de Jesus, pois esta havia sido traduzida para o grego por setenta e dois rabinos uma vez que o grego se tornara a *língua franca* daquele período. A forma grega equivale ao nome pré-exílico יהושע [*Iehosheah*] e ao pós-exílico ישוע [*Ieshuah*], este dado ao sumo-sacerdote Josué nos Livros de Esdras e Neemias e aquele dado ao sumo-sacerdote Josué nos livros de Êxodo, Números, Deuteronômio, Josué, Juízes, 1 Reis 16:34 e 1 Crônicas 7:27, mas também dada a dois outros homens em 1 Samuel 6:14,18 e 2 Reis 23:8.2.2 O que os tradutores da Septuaginta fizeram foi reter a forma mais curta do nome e acrescentar o “s” final para facilitar a declinação do nome na língua grega. Obviamente, o Novo Testamento confirma a equivalência exata entre a forma grega Ἰησοῦς [*Iesous*] e a hebraica ישוע [*Ieshuah*] ao se referir duas vezes a Josué sob o nome de Ἰησοῦς [*Iesous*]: Atos 7:45 e Hebreus 4:8.

O nome de Jesus era, até o início do segundo século depois de Cristo, um nome muito popular entre os judeus. De acordo com a *Epístola de Aristeas* 48:49,<sup>3</sup> três entre os setenta e dois tradutores da Septuaginta se chamavam Jesus. Josefo menciona cerca de vinte pessoas com este nome, dentre elas dez contemporâneas de Jesus Cristo. Além da evidência literária, a arqueologia também dá testemunho da ocorrência do nome grego Ἰησοῦς [*Iesous*] como equivalente ao hebraico ישוע [*Ieshuah*] muito antes do nascimento de Jesus. Os renomados e antiquíssimos papiros de Oxyrhynchus (4.816) empregam a forma grega já no sexto século antes de Cristo.<sup>4</sup> Uma inscrição funerária do séc. I antes de Cristo, encontrada no início do séc. XX e publicada na Revista Epigráfica francesa por Seymour de Ricci em 1913, representa um bom exemplo de uso corriqueiro da forma grega. Um papiro encontrado na colônia judaica

<sup>2</sup> Contudo, a forma longa do nome aparece em referência ao sumo-sacerdote Josué nos livros de Ageu e Zacarias.

<sup>3</sup> Segundo o *Dicionário de Oxford*, uma obra publicada em inglês acerca dos principais documentos da igreja cristã, a *Epístola de Aristeas* foi escrita originalmente em grego, provavelmente entre 200 a. C. e 33 A.D.

<sup>4</sup> A coleção de Oxyrhynchus inclui milhares de fragmentos de papiro encontrados em 1897 em um vilarejo egípcio cerca de 15 km a oeste do Nilo perto da cidade de Behnesa.

de Apolonópolis Magna, no Egito, traz diversos outros exemplos de seu emprego por judeus de fala grega.

Após o séc. II depois de Cristo, o nome Jesus desaparece como nome próprio, exceto entre os rabinos. Com efeito, o nome Jesus como nome próprio não é encontrado nem mesmo nas abundantes inscrições oriundas das catacumbas romanas.<sup>5</sup> Nos escritos rabínicos, Jesus de Nazaré é quase sempre chamado de ישוּ [Ieshu] e o Talmude usa este nome apenas em referência a Ele.<sup>6</sup> Este desaparecimento tanto da forma grega Ἰησοῦς [Iesous] quanto da hebraica ישוע [Ieshuah] como nome próprio sugere duas coisas: os cristãos estariam evitando o nome por respeito à pessoa de Jesus Cristo e os judeus o estariam evitando a fim de não demonstrarem qualquer simpatia ou identificação com Ele.

Conforme mencionado acima, o nome de Jesus não aparece como nome próprio nas catacumbas romanas e tal era o respeito dos cristãos primitivos pelo nome que as inscrições dos primeiros séculos da era cristã são igualmente omissas quanto a ele mesmo em referência à pessoa de Jesus. Enquanto o nome de Cristo é plenamente atestado nelas, o nome de Jesus é bastante raro. Uma inscrição funerária encontrada na Via Salária Nova e agora guardada no Museu Laterano, em Roma, traz os dizeres “Que Regina viva em Jesus” em latim. Uma outra inscrição encontrada no antigo cemitério de Salona, na Dalmácia, traz os dizeres “Saudações em Jesus Deus” (em grego: *en theo Iesos cherete*). Uma outra inscrição do cemitério de Domitila lê-se: “Secundiano, que cria em Jesus Cristo, terá vida no Pai, no Filho e no Espírito Santo” (em latim: *Secundianus qui credidit in Cristum lesum vivet in Patre ET Filio ET Ispirito Sancto*). Apesar dessa ausência conspícua de referências a Ἰησοῦς [Iesous] na epigrafia cristã, não se pode dizer que a omissão tenha tido a intenção de rechaçar o nome, já que o símbolo do peixe (*ichthus*, em grego) interpretado como acróstico para “Jesus Cristo, Filho de Deus, Redentor” é encontrado, com muita frequência, nas inscrições mais antigas da cristandade, conforme o afirma o Professor Orazio Marucchi, que ensinou arqueologia cristã por muito tempo na

---

<sup>5</sup> Apenas as formas latinas *Gesua* (no masculino) e *Gesue* (no feminino) são encontradas como nomes próprios nas catacumbas e isto apenas no séc. VI A.D. e apenas na Catacumba de Venúcia.

<sup>6</sup> O Talmude é uma opção de várias tradições judaicas e explicações orais do Antigo Testamento escrita a partir do séc. II A.D.

Universidade Real de Roma.<sup>7</sup> Às vezes o próprio acróstico aparece em vez do símbolo, como acontece com inscrições dos cemitérios de Calisto, do Vaticano e de Ciríaca, agora guardadas no Museu Laterano ou no Museu Kircheriano, em Roma.

O testemunho textual favorável ao nome Ἰησοῦς [*Iesous*] é inquestionável. Assim grafam o nome de Jesus todos os mais antigos e confiáveis manuscritos da Bíblia. De fato, o nome Ἰησοῦς [*Iesous*] aparece desde os mais antigos manuscritos cristãos. O assim-chamado Papiro Egerton 2, que é, juntamente com o Papiro Rylands 457, o mais antigo manuscrito da tradição evangélica, confirma tal fato. Apenas dois pequenos fragmentos deste papiro pertencente aos primeiros anos após a morte de João foram conservados. Apesar de conter apenas umas poucas linhas, o papiro usa o nome Ἰησοῦς [*Iesous*] três vezes.

#### A Etimologia do Nome de Jesus e a Calúnia da Onolatria

As discussões sobre a etimologia do nome Ἰησοῦς [*Iesous*] começaram mesmo antes de este nome ter sido dado a Jesus Cristo e de este ter-se tornado mundialmente conhecido. Filo de Alexandria, um pensador e exegeta judaico que viveu entre 20 a.C. e 50 A.D., é o primeiro a sugerir a existência de suas partes constitutivas no nome. De acordo com ele (*Mut. Nom. 121*), as duas primeiras letras são a forma abreviada do *tetragrammaton*, o sagrado nome de Deus Pai, e o restante do nome é uma forma do verbo *sōizō*, que significa “salvar”. Clemente de Alexandria, um teólogo ateniense que viveu entre 150 e 215 A.D., liga o início do nome também ao verbo *iaōmai*, que significa curar (*Pedagogo 3.12.98*). Por isso, categoricamente que Jesus significa “Salvador” em hebraico e “aquele que cura” em grego (*Catequese Mistagógica 10.13*). Contudo, pode-se afirmar, com certeza, que as explicações para uma etimologia dupla do nome Ἰησοῦς [*Iesous*] não passam de especulações. Karl Heinrich Rengstorf, professor de teologia em Loccum, na cidade de Hannover (Alemanha), e responsável pelo verbete Ἰησοῦς [*Iesous*] no renomado *Dicionário Teológico do Novo Testamento*, editado por Gerhard Kittel, afirma que:

<sup>7</sup> Orazio Marucchi, *Christian Epigraphy: An Elementary Treatise with a Collection of Ancient Christian Inscription Mainly of Roman Origin* (Cambridge: University Press, 1912), p. 96,99.

*Em qualquer caso, a formação de Ἰησοῦς [Jesus] a partir de ישוע [Ieshuah] é séculos mais antiga do que o período cristão. Os primeiros cristãos simplesmente adotaram a forma grega corrente equivalente ao nome hebraico. Eles fizeram isso de forma natural e sem nenhuma política deliberada de escolher nomes gregos que tivessem um significado equivalente inteligível...*

Assim sendo, pode-se afirmar, categoricamente, que uma suposta etimologia do nome Ἰησοῦς [Jesus] que o subdivida em duas raízes, a primeira referente ao nome de Deus e a segunda referente à palavra hebraica *sus*, “cavalo”, dando a entender que o nome significaria “Deus-cavalo”, não passa de fabricação pouco convincente, mesmo porque a etimologia de um nome grego deveria ser preferencialmente explicitada com radicais gregos ou com radicais de uma língua da qual o grego se originasse. A passagem nas *Histórias* (5.3.4), do historiador romano Tácito (*séc. II A.D.*), não se refere absolutamente a uma prática de onolatria por parte dos cristãos. Tácito, de fato, calunia os cristãos, em seus *Anais* (15.44), de terem incendiado Roma e de terem grande ódio pela raça humana.<sup>8</sup> Tecnicamente, Tácito jamais acusou os cristãos de adorarem um asno. A acusação de *Histórias* 5.3.4 é dirigida aos judeus. Nesta passagem, o historiador romano procura explicar a razão por que os romanos desprezavam os judeus. Segundo ele, Moisés haveria instituído certas práticas religiosas a fim de afrontar as demais religiões do mundo. Sendo assim, ele teria instituído o sacrifício de bois para provocar os adoradores do deus egípcio Ápis. Da mesma forma, o sacrifício de cordeiros teria a finalidade de provocar outro deus egípcio, Amon. Ele teria proibido a ingestão de porco, porque os judeus teriam sido supostamente acometidos por uma enfermidade própria daqueles animais. Finalmente, segundo Tácito, os judeus adorariam o asno e lhe teriam feito uma estátua porque teria sido esta criatura que os teria guiado a uma rocha, na qual havia uma fonte de água, no momento em que estes pertenciam, no deserto, a caminho de Canaã.<sup>9</sup> No parágrafo seguinte o historiador também acusa o

<sup>8</sup> De acordo com o historiador, *primum correpti que fatebantur, deinde indicio eorum multitudo ingens haud perinde in crimine incendii quam odio humani generis convicti sunt*, “primeiramente, os confessos membros da seita foram presos; então, à medida em que eram descobertos, um grande número deles era condenado, não tanto por causa do incêndio, mas pelo crime de odiarem a raça humana.”

<sup>9</sup> De acordo com Tácito, *effigiem animalis, quo monstrante errorem sitimque depulerant*, “eles dedicaram, em um altar, uma estátua do animal que os ajudara a acabar com sua peregrinação e sede.”

sábado de ser ocasião de *contemptissima inertia*, “a mais desprezível ociosidade.” Como se percebe, mesmo que uma acusação seja feita, isso não garante, de modo algum, sua veracidade. A calúnia de Tácito é contradita por seus próprios escritos uma vez que ele, na mesma obra, nos informa que, quando Pompeu, o Grande, invadiu Jerusalém, o general romano entrou no templo dos judeus a fim de descobrir os mistérios e os tesouros de sua religião e não encontrou nenhuma estátua ali.

As outras referências à onolatria por parte de judeus ou cristãos são meras repetições do texto de Tácito. Isso ocorre com Plutarco, em seu *Simpósio* 4.5, e Ápio de Alexandria, em seu livro *Contra os Judeus*. Tertuliano vigorosamente se opõe contra tal calúnia ao dizer, em sua *Apologia* 14, que os inimigos dos judeus certamente inventaram tal fábula para denegrir a veracidade do milagre realizado por Moisés, quando este extraiu a água da rocha. Com efeito, Tertuliano, em seu tratado *Contra os Gentios* 1.14 (em latim, *Ad Nationes*), devolve a acusação aos romanos, dizendo que não eram os cristãos que adoravam asnos, mas os próprios romanos, já que estes tinham muito respeito por Epona, a deusa dos estábulos, freqüentemente representada por estes como sendo parte mulher e parte animal.

Contudo, ainda que não proveniente de Tácito, não se pode negar que os cristãos primitivos tenham sofrido a calúnia de adorarem um asno. Disso temos provas literárias, e arqueológicas. A principal prova arqueológica é a caricatura descoberta nas escavações de grande escala que se realizaram no Monte Palatino, entre 1846 e 1857, às custas de Nicolás, o Imperador da Rússia. No final do outono de 1856, quatro saletas foram desenterradas próximo a uma *exedra* semi-circular no assim-chamado “Palácio dos Césares”, na extremidade sudoeste do monte, não muito distante da Igreja de Santa Anastácia. Nas paredes dessas pequenas câmaras, o Padre Garrucci encontrou alguns “graffiti” e, entre eles, um rude desenho de um homem contemplando “Alexamenos adora o seu Deus”.<sup>10</sup> Após estudar a inscrição, o arqueólogo concluiu que ela pertencia ao terceiro século depois de Cristo.<sup>11</sup> Apesar de seu caráter blasfemo, o “graffito” assume grande importância, portanto, por ser a mais antiga representação da crucificação de Cristo. Nas demais

<sup>10</sup> É comum a terminação –ete em lugar de –etai nas inscrições antigas.

<sup>11</sup> Cf. J. Spencer Northcote & W. R. Brownlow, *Roma Sotterranea* (London: Longmans, Green & Co., 1879), v. 2, p. 345-452.

câmaras foram também encontrados outros “graffiti” de teor jocoso escritos, provavelmente, por alunos da escola imperial, reclamando de trabalhos excessivos ou gabando-se de terem concluído seu curso de estudos. No início do ano de 1870, o arqueólogo L. C. Visconti descobriu, numa outra parte do palácio, um “graffito” com palavras *Alexamenos fidelis*, “Alexamenos é fiel”. O termo “fiel” seria, com muita probabilidade, incompreensível a um pagão e, por isso, conjectura-se que o próprio Alexamenos tenha sido quem o escreveu como uma resposta às provocações de seus colegas.

Outra situação arqueológica que sugere a calúnia da onolatria vem de Pompéia, a famosa cidade italiana destruída por Vesúvio em 79 A.D., época contemporânea ao início da pregação do evangelho pelos cristãos. Um “graffito” encontrado, em 1962, pelo arqueólogo alemão Alfred Kiessling, em uma das casas da assim-chamada Rua da Sacada (Vico del Balcone Pensile), faz uma advertência aos transeuntes de que aquele não era um lugar para os ociosos. É interessante, contudo, que outros dois “graffiti” com os dizeres *Audi christianos* (“ouçam os cristãos”) pode ser, exceto o Novo Testamento, a mais antiga referência aos cristãos.<sup>12</sup> O outro “graffito” escrito numa caligrafia diferente pode ser uma reprovação ao trabalho dos cristãos na casa: “aqui, uma mula dá instruções às moscas”. Se o contexto é mesmo cristão, o “graffito” confirmaria a difusão da calúnia para além dos limites da metrópole romana.

Entre as provas literárias de que os cristãos foram, de fato, caluniados com a acusação da onolatria está a referência de Tertuliano, em sua *Apologia* 16, de que, em seu tempo, estava circulando, em Roma, um quadro que retratava um asno, vestido com a toga e segurando um livro em pé, como se ensinasse, acompanhado da inscrição “o deus dos cristãos *onokooietes*”. Ninguém sabe exatamente o que significa a palavra *onokooietes*. O mais renomado dicionário do grego antigo (Liddell & Scott) atribui-lhe o significado de “aquele que permanece no estábulo dos anos”. Contudo, outros especialistas têm proposto interpretações alternativas, incluindo “aquele que tem patas de asno”, “aquele que foi gerado por um asno”, “aquele que tem a cabeça de um asno”, etc.<sup>13</sup> Essa declaração é corroborada por um

---

<sup>12</sup> Paul Berry, *The Christian Inscription at Pompeii* (Lewiston: Edwin Mellen, 1995).

<sup>13</sup> Cf. Northcote & Brownlow, p. 347.

jóia antiga, cuja origem se desconhece, que apareceu no séc. XVII na coleção do antiquário de P. Stephanonio Vicentino, e que também retrata um asno no ato de ensinar. Da mesma forma, Minúcio Félix, o primeiro apologista do Cristianismo, reconhece, em seu *Octavio* 9, que a calúnia já estava em circulação tão cedo quanto o fim do séc. II. Finalmente, nós sabemos, por intermédio de João Crisóstomo (*Ad illum. Catech., Homil, ii in fin.*) que havia cristãos, em seus dias, que usavam medalhas de Alexandre, o Grande, atadas a sua frente ou pés, as quais consideravam poderosos amuletos.

Algumas dessas medalhas chegaram até nós e geralmente apresentam, no anverso, o busto do conquistador vestido como Hércules, e, no verso, o desenho de um asno com a epígrafe BN IHY XRS DEI FILIVS, isto é, “Nosso Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus”. A explicação desse costume pode ser o fato de que durante certo momento do reinado do imperador romano Alexandre Severo, entre 231 e 235, os cristãos viram sua boa índole como uma esperança de maior liberdade religiosa e, por isso, podem ter tentado lisongear-lo, cunhando uma moeda que o comparava a seu hormônio mais famoso e associando-se também, com a humildade do Rei dos reis que adentrara Jerusalém montado em tão humilde montaria.

### Conclusão

Nunca existiu qualquer ligação entre o nome Ἰησοῦς [*Iesous*] e a onolatria. Nenhum escritor antigo sugere isso. Se os antigos cristãos, muitos dos quais falava aramaico, hebraico, latim e grego, jamais perceberam qualquer ligação entre o final da palavra Jesus e o termo hebraico para cavalo como é possível que alguns cristãos modernos que não falam qualquer uma dessas línguas possam insistir em tal conexão? Sugerir, com base em mera semelhança acústica, que as letras finais do nome de Jesus se relacionem com a palavra hebraica seria o mesmo que dizer que a etimologia da palavra portuguesa “vendedor” seria “aquele que vende dor” uma vez que existe semelhança acústica entre o sufixo *-dor* e a palavra “dor”.

O nome de Ἰησοῦς [*Iesous*] é aquele com o qual Ele mesmo se apresenta a Paulo (cf. Atos 9:5; 22:8; 26:15). É também o nome que os próprios anjos usam em referência a Ele por ocasião de sua ascensão aos céus (Atos 1:11) e é um anjo que ordena a Maria que seja dado ao Salvador (cf. Mateus 1:21). O nome não é, portanto,

nenhum acidente. Infelizmente, a tradução portuguesa de Atos 11:20 obscurece um pouco o significado da expressão grega *euaggelizomeni ton kurion Iesou*, que não significa “anunciando o evangelho do Senhor Jesus,” mas “anunciando que o Senhor Jesus é a boa nova.”

Além disso, Filipenses 2:10 declara que o nome de Ἰησοῦς [*Iesous*] se dobram todos os joelhos, nos céus, na terra e embaixo da terra. A força do nome Ἰησοῦς [*Iesous*] aparece, assim, plenamente declarada no Novo Testamento. Anunciar o evangelho é, com efeito, anunciar o nome de Ἰησοῦς [*Iesous*].

A hipótese de que o nome de Jesus deva ser pronunciado ישוע [*Ieshuah*] por terem sido os evangelhos supostamente escritos em hebraico é por demais forçada para que receba qualquer consideração séria. Se fosse verdade que os evangelhos tivessem sido escritos originalmente em hebraico, como é que se poderia explicar o fato de que hoje existam, em diversos museus e bibliotecas espalhadas pelo mundo, cinco mil e quinhentos manuscritos gregos antigos (completos ou fragmentários) do Novo Testamento, treze mil manuscritos em outras línguas antigas para as quais foram desde cedo traduzidos, vários milhares de citações dos pais da igreja em latim e grego,<sup>14</sup> mas nem sequer um único manuscrito de um evangelho em hebraico? Não há nenhuma justificativa histórica ou lingüística para qualquer rejeição do nome Ἰησοῦς [*Iesous*] como tendo sido, de fato, o nome empregado por Cristo. Tanto os melhores e mais antigos manuscritos assim grafam Seu nome, quanto é impossível de contradizer o esmagador testemunho literário a seu favor. Além disso, apesar de o nome não ser freqüentemente atestado nas primeiras inscrições cristãs, isso se deve, sem dúvida, ao respeito que o nome gozava na comunidade cristã primitiva.

---

<sup>14</sup> Cf. Wilson Paroschi, *Crítica Textual do Novo Testamento* (São Paulo: Vida Nova. 1993).